

ELEIÇÕES 2018 NO RIO GRANDE DO SUL

Pesquisa Ibope no RS, devidamente registrada no TSE, com base no levantamento feito nos dias 14 a 16 de agosto.

- José Ivo Sartori (MDB): 19% - Eduardo Leite (PSDB): 8% - Miguel Rossetto (PT): 8% - Jairo Jorge (PDT): 6%
- Julio Flores (PSTU): 4% - Mateus Bandeira (NOVO): 2% - Roberto Robaina (PSOL): 2%
- Brancos/nulos: 28% - Não sabe: 22%

Espontânea

- José Ivo Sartori (MDB): 7% - Jairo Jorge (PDT): 3% - Eduardo Leite (PSDB): 2% - Miguel Rossetto (PT): 2%
- Julio Flores (PSTU): 1% - Mateus Bandeira (NOVO): 0% - Roberto Robaina (PSOL): 0% - Outros: 2%
- Branco ou nulo: 20% - Não sabe: 63% - TOTAL: 83%

O que dizer destes resultados preliminares para o Piratini? O mesmo que podemos dizer para os candidatos à Presidência da República: Não há nomes consagrados que empolguem a cidadania. Quando a Pesquisa não apresenta aos consultados uma lista com nomes dos candidatos, o número dos que não se manifestam positivamente alcança 83%. Impressionante! Nem mesmo o atual Governador, fartamente conhecido, na frente da corrida, consegue chegar aos 20% da preferência induzida dos eleitores, quando se lhes apresenta uma lista com o nome de todos os candidatos registrados. Tristeza. Não sei como está o processo eleitoral em outros Estados, mas, aqui no Rio Grande, poucos se comovem com os concorrentes. Aí, um amigo meu, do Rio de Janeiro, me pergunta: - *Onde foi parar o Estado mais politizado do Brasil? O que está acontecendo aí? A esquerda derreteu?*

Com efeito, o Brasil inteiro fala que o RS é politizado, confundindo isso com ser de esquerda. O Estado, na verdade, sempre foi politicamente agitado, mas muito dividido. Neste ano de 2018, então, está re-dividido: tanto a esquerda quanto a direita estão divididos internamente.

A divisão começou na Proclamação da República, quando um grupo de republicanos radicais apressou-se em mudar o nome das ruas e praças que homenageavam figuras do Império. Naquele dia, a Praça Conde d'Eu, na frente do Mercado, passou a chamar-se 15 de novembro, nome que guarda até hoje. Desde aquele fatídico dia as elites regionais se dividiram à morte, por razões ideológicas, promovendo duas guerras civis: Em 1893/5, sob a liderança de Saldanha Marinho e em 1923/5, sob a liderança do memorável Assis Brasil. Na época, este conflito não remetia à divisão esquerda x direita, mas acabou, nos

seus desdobramentos, por criar as raízes históricas destas tendências no Estado. Os maragatos, estancieiros da campanha, foram os baluartes do liberalismo no Brasil; os chimangos, com epicentro na capital, os baluartes da esquerda, numa sequência que relevaria figuras como Julio de Castilhos, Borges de Medeiros, Getúlio Vargas, Leonel Brizola e Olivio Dutra, que vão do Partido Republicano, passando pelo Partido Trabalhista Brasileiro até desembocar no Partido dos Trabalhadores.

Os herdeiros do castilhismo (Julio de Castilhos), que controlaram o Governo de 1889 até 1930, ganharam a guerra civil, mas nunca dominaram completamente o Estado. Tanto que os maragatos diziam, naqueles tempos quentes, que eles manipulavam as urnas porque, se houvesse eleições livres, perderiam (?). Quem sabe? Isso era comum na República Velha, quando, em todo o país, grassava o bico de pena: a manipulação dos poucos votos levados à urna por uma sociedade aristocrática. De qualquer forma, Décio Freitas (1922/2004) grande historiador, de inclinação marxista, escreveu um livro com o título "Julio de Castilhos - O homem que inventou a ditadura". Recorde-se, a propósito, que nem mesmo Brizola, no auge, da popularidade, depois da LEGALIDADE de 1961, fez seu sucessor.

Nas décadas posteriores aos conflitos da primeira metade do século XX, o desenvolvimento das áreas coloniais, serra acima, até o norte/noroeste do Estado, elevariam o peso do conservadorismo no Estado, compensando, com isso, o crescimento da esquerda nas cidades de maior porte. Hoje o PP, por exemplo, é fortíssimo nestas áreas, resultando, mesmo com eventual vitória do PT e do PDT ao Governo do Estado, uma maioria conservadora para a Presidência da República.

Neste ano, porém, a esquerda da Grande POA está dividida entre PT e PDT, ambos com boa penetração nesta região, mas escassa penetração no interior remoto do Estado, abrindo, com isso, espaços para Sartori e Leite. A campanha ideológica de Sartori contra o Estado e suas agências e servidores, cai mal junto a esquerda urbana, mas repercute bem no interior. Ele perde os funcionários públicos e desiste da esquerda, mas ganha o resto. Só não está melhor nas pesquisas porque foi muito pouco além do discurso catastrofista. Além disso, não teve capacidade para agregar os próprios partidos de direita, que o acompanham no Governo. Perdeu o PSDB, que tem candidato próprio e está com o PP atravessado, eis que as bases deste Partido estão galvanizadas pelo discurso ultraradical do Bolsonaro. (Nem mesmo a presença de Anamélia Lemos, do PP, como Vice de Alkmin, elevou sua presença no Estado). Tudo indica que Sartori, que vinculou o PMDB ao Governo Temer, descambando para a direita neoliberal, acabará sendo ultrapassado pelo jovem LEITE, do PSDB, que tem boa avaliação, embora ainda pouco conhecido. Sua região, Pelotas, tem baixa polarização política e demográfica. A "metade" de baixo do Estado, que já tentou se dividir do Estado a favor da "Metade Sul", onde estão Pelotas e R.Grande, é relativamente mais pobre e pouco povoada. ,

O quadro, enfim, não é surpreendente. A direita talvez ganhe, de novo, por aqui, tanto na Presidencial, como para o Governo. Se não for o Sartori, já "decadente", será Leite, mais jovem e em franca ascensão. A divisão da esquerda

entre dois candidatos que disputam os mesmo votos terá, certamente, sido fatal.